

**Sua Excelência Senhor Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa;**

**Sua Excelência Senhor Presidente da Assembleia da República Portuguesa, Eduardo Ferro Rodrigues;**

**Sua Excelência Senhor Primeiro-Ministro da República Portuguesa, António Costa;**

**Senhores Deputados da Assembleia da República Portuguesa;**

**Senhores Membros do Governo da República Portuguesa,**

**Sua Excelência Senhor Presidente do Conselho Executivo do Centro Norte-Sul, Jean-Marie Heydt,**

**Excelentíssima Senhora Lora Pappa, Minha Co-laureada, Fundadora da Organização Não-Governamental METAdrasi,**

**Distintos Convidados,**

**Excelências,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

Sinto-me bastante honrado e lisonjeado por ter sido agraciado com o prémio Norte – Sul 2015, pelo Centro Europeu para a Interdependência e Solidariedade Globais, do Conselho da Europa.

Este prémio é um reconhecimento da contribuição e participação ativa do povo moçambicano na busca comum de soluções para os grandes desafios do mundo em que vivemos, no quadro da promoção e defesa dos interesses nacionais. Estes interesses, inseridos no contexto da construção da nação Moçambicana, sempre tiveram como objectivo estratégico a contínua elevação dos níveis de vida económica, social e cultural do povo moçambicano, num ambiente de paz e estabilidade.

Por isso, dedico este prémio ao heroico Povo Moçambicano, que resistiu e venceu a dominação colonial, enfrentou os ditames anacrónicos da Guerra Fria, sobreviveu ao boicote político e económico e às agressões militares da Rodésia do Sul e do regime

do Apartheid; resistiu e venceu a guerra de desestabilização que lhe foi imposta do exterior logo após a independência e alcançou a paz e reconciliação nacional no país.

Foram mais de 30 anos de agressões e destruições que incidiram sobre um país empobrecido e altamente vulnerável. Sobre Moçambique recaíram ainda os efeitos negativos das crises enfrentadas pela economia mundial, em particular os efeitos das várias crises do petróleo e de outros constrangimentos internacionais, que resultam das relações desiguais que persistiam e persistem na ordem internacional, e que estiveram na base do lançamento do diálogo Norte – Sul.

**Excelências,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

O Diálogo entre o Norte e o Sul está historicamente associado as reivindicações dos países em desenvolvimento que manifestavam nos fora internacionais a sua profunda preocupação pela prevalência dum sistema económico internacional anacrónico e desequilibrado dominado pelo Norte rico, e clamavam pelo estabelecimento de um sistema mais justo e equitativo.

O debate em torno deste assunto culminou com a adoção em 1974 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da **Nova Ordem Económica Internacional**, cujo objetivo era diminuir a disparidade de poder nas relações económicas entre países industrializados e países em desenvolvimento.

Foi neste contexto que em 1977, o então Presidente do Banco Mundial, Robert McNamara, estabeleceu uma Comissão independente para questões de Desenvolvimento Internacional, comumente conhecida como Comissão Norte – Sul, para escarpelizar a problemática das relações económicas internacionais e convidou o proeminente político Alemão Willy Brandt para chefiar a Comissão.

Esta Comissão apresentou em 1980, o Relatório Norte – Sul ou Relatório Brandt, que reconheceu que o sistema económico internacional era assimétrico e insustentável, dominado pelo Norte rico, que colhia a maioria dos ganhos, enquanto que o Sul se debatia com a pobreza, fragilidade económica e instabilidade social.

Neste quadro sombrio, a Comissão advogou a reforma do sistema então vigente, com vista a prossecução de um relacionamento mais justo, equitativo e de interdependência, para que o desenvolvimento socioeconómico e a prosperidade fossem uma realidade em todo o mundo. Estas conclusões emanam da Nova Ordem Internacional adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1974.

A Nova Ordem Económica Internacional e o diálogo Norte – Sul para a igualdade, justiça, equidade e interdependência, preconizados pela Comissão Brandt, não produziram os resultados esperados, devido ao anacronismo ideológico da Guerra Fria, que continuou a manter o mundo dividido em dois blocos antagónicos. Contudo, os seus nobres ideais que influenciaram o pensamento político dos movimentos de libertação, bem como dos países recém-independentes de então, ainda hoje permanecem válidos; talvez mais válidos do que nunca.

**Excelências,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

Desde a sua formação, a FRELIMO sempre se preocupou em conquistar a amizade de outros povos, incluindo do povo português, no quadro dos esforços de mobilização de apoio solidário à sua luta pela conquista da independência nacional e de partilha de valores comuns entre os povos. Já nessa altura a FRELIMO estava ciente do valor da interdependência entre povos independentes. Pois nenhum país por mais desenvolvido que fosse podia viver no isolamento, ignorando a contribuição dos países menos desenvolvidos para a sua sustentabilidade.

Durante a luta de libertação nacional, realizamos esforços sistemáticos no sentido da promoção de relações de cooperação com todo o mundo. Nos estados que apoiavam a nossa luta cooperávamos com os respectivos povos e governos, enquanto que nos estados que apoiavam os nossos inimigos de então apenas cooperávamos com os respectivos povos. Recebíamos assim de todos os quadrantes do mundo os apoios políticos, morais, materiais e financeiros, que usávamos de forma soberana e independente, na prossecução dos objectivos da nossa luta.

Este processo de mobilização de apoios multiformes, em países com as mais diversas realidades e orientações políticas, cimentou nos moçambicanos a compreensão do valor e da força do diálogo, largamente praticado no seio da Frelimo. Na verdade, sendo a Frelimo constituída por cidadãos de diversa origem geográfica, estrato social e étnica, níveis de educação, visão política e correntes ideológicas, o debate e diálogo interno, permanente, aberto e profundo, contribuiu imensamente para a sua coesão e unidade de propósito, no difícil processo da luta pela independência nacional.

Neste processo, aprendemos que o diálogo nem sempre é fácil e produtor de resultados imediatos. Quanto mais complexo for o tema em debate, mais paciência e persistência são requeridos para o alcance de compromissos, em que não haja vencedores nem vencidos, mas todos ganhadores. Esta experiência foi-se consolidando no diálogo com outras forças de libertação nacional, da nossa região e fora dela, assim como nos fora internacionais, onde fomos compreendendo e assumindo que todos precisamos e dependemos uns dos outros para o alcance de objectivos comuns.

É esta experiência que, depois da proclamação da nossa independência, norteia a nossa diplomacia, a nossa maneira de nos relacionarmos com outros Estados. Para nós, a independência recém-conquistada significava a capacidade de poder escolher e seguir livre e soberanamente o sistema político e económico da nossa opção, tendo sempre em vista a busca de recursos necessários à elevação dos níveis de vida dos moçambicanos.

Compreendíamos que este objectivo só poderia ser alcançado num contexto de relações internacionais mais justas, nas quais os interesses de todos os Estados do nosso planeta encontrassem o seu espaço de existência digna. Por isso, a nossa participação ativa nos mais diversos e variados fora internacionais foi sempre orientada pela necessidade da busca de compromissos que acomodassem os nossos interesses nacionais, no quadro da acomodação dos interesses de todos.

Como expressão de solidariedade com outros povos, acolhemos e concedemos apoio multiforme a movimentos de libertação, refugiados e perseguidos de outros países, particularmente de África, Ásia e América Latina. Nós moçambicanos temos experiência de sermos refugiados e de apoiar os refugiados. Por isso, compreendemos bem o trabalho solidário realizado pela Senhora Lora Pappa, Fundadora da ONG METAdrasi, no apoio aos refugiados e migrantes. É com muita satisfação que lhe damos os nossos parabéns e com ela partilhamos o prémio que nos é atribuído pelo Centro-Norte. Fazemos votos para que o prémio sirva de estímulo à continuação do seu trabalho.

**Excelências,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

O diálogo tem sido um instrumento constante da busca de soluções para os desafios do nosso crescimento e desenvolvimento. É neste quadro que, nos princípios da década 90, encetámos com a Renamo conversações, que culminaram com a assinatura do Acordo de Roma, em 4 de Outubro de 1992, que pôs fim à guerra de desestabilização que nos foi imposta do exterior, pouco depois da proclamação da nossa independência.

Foi através de um processo de diálogo nacional amplo e abrangente que debatemos durante dois anos, de 1988 à 1990, o anteprojeto de texto constitucional submetido às contribuições de toda a nação. Este processo atingiu o seu apogeu com a adopção da nova Constituição de 1990, que aprimorou as liberdades e direitos fundamentais

dos cidadãos, adoptou o sistema político multipartidário e a economia do mercado, abrindo assim mais espaço de participação dos cidadão na vida política, económica e social do país.

Desde então, o nosso país viveu um período de crescimento e desenvolvimento económico e social assinaláveis e a nossa convicção era de que as transformações que adoptamos foram bem sucedidas e que a reconciliação nacional era efetiva, embora soubéssemos que a paz num país, sobretudo num país com um passado de conflitos armados como o nosso, nunca é um produto acabado.

Hoje constatamos que a paz está novamente ameaçada em Moçambique, através da ocorrência de ataques perpetrados por homens armados da Renamo na zona centro do país. Mais uma vez, o diálogo é chamado na busca de solução e fim destes ataques, estando em preparação um encontro entre o nosso Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Acredito que deste tão esperado encontro sairá o compromisso que restitua a tranquilidade aos moçambicanos e lhes devolva o espaço que precisam para continuar a gozar plenamente os seus direitos humanos e intensificar a sua luta contra a pobreza.

**Senhor Presidente,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

Vivemos num mundo em efervescência, que salta de uma crise para a outra, em rápida sucessão. Os desafios das desigualdades sociais nos nossos países, da pobreza, da falta de boa governação e das ameaças climáticas que a todos nos afectam e se agravam, num clima de relações internacionais injustas, que parecem resistir a todos os esforços para a sua solução. Neste quadro, é de se prever um aumento na frequência e intensidade dos conflitos, motivados pela busca da justiça e equidade.

Os desafios do diálogo Norte – Sul continuam vivos e válidos. O mundo continua a estar dividido entre um Norte desenvolvido, rico, altamente industrializado e

próspero e um Sul subdesenvolvido, empobrecido, instável e inviável. Continuamos a testemunhar o agravamento dos desequilíbrios resultantes de um sistema económico mundial injusto. A manutenção desta situação é insustentável e catastrófica, para além de incompreensível. A crise da emigração para a Europa e os conflitos em África e no Medio Oriente são consequência e expressão destes desequilíbrios, que já ameaçam a estabilidade de organizações internacionais, como a União Europeia.

Estou convencido que o Conselho da Europa tem um papel muito importante a desempenhar na busca dos caminhos de reversão desta tendência, através do diálogo Norte-Sul revigorado e robusto, alicerçado na ação do seu Centro Norte-Sul.

A terminar, mais uma vez expresso os meus agradecimentos pela distinção que me foi concedida, que só aumenta o tamanho da minha responsabilidade como membro do clube de todos na luta por um mundo melhor para todos nós.

Muito obrigado pela atenção com que me escutaram.

\*\*\*\*\*